

# BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.  
PROPRIETARIA — A empresa do *Brasil-Portugal*  
EDITOR — Manuel Pedro da Silva.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

1 DE SETEMBRO DE 1911

N.º 303

## REPUBLICA PORTUGUEZA



DR. MANUEL DE ARRIAGA — 1.º Presidente da Republica  
(Eleito em 24 de Agosto de 1911)

## NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 1 de setembro de 1911

Radicaes e ministeriaes. — Extremam-se os campos. — Votação da Constituição. — Eleição do Presidente da Republica. — O reconhecimento pela França — Manoel d'Arriaga. — O futuro.

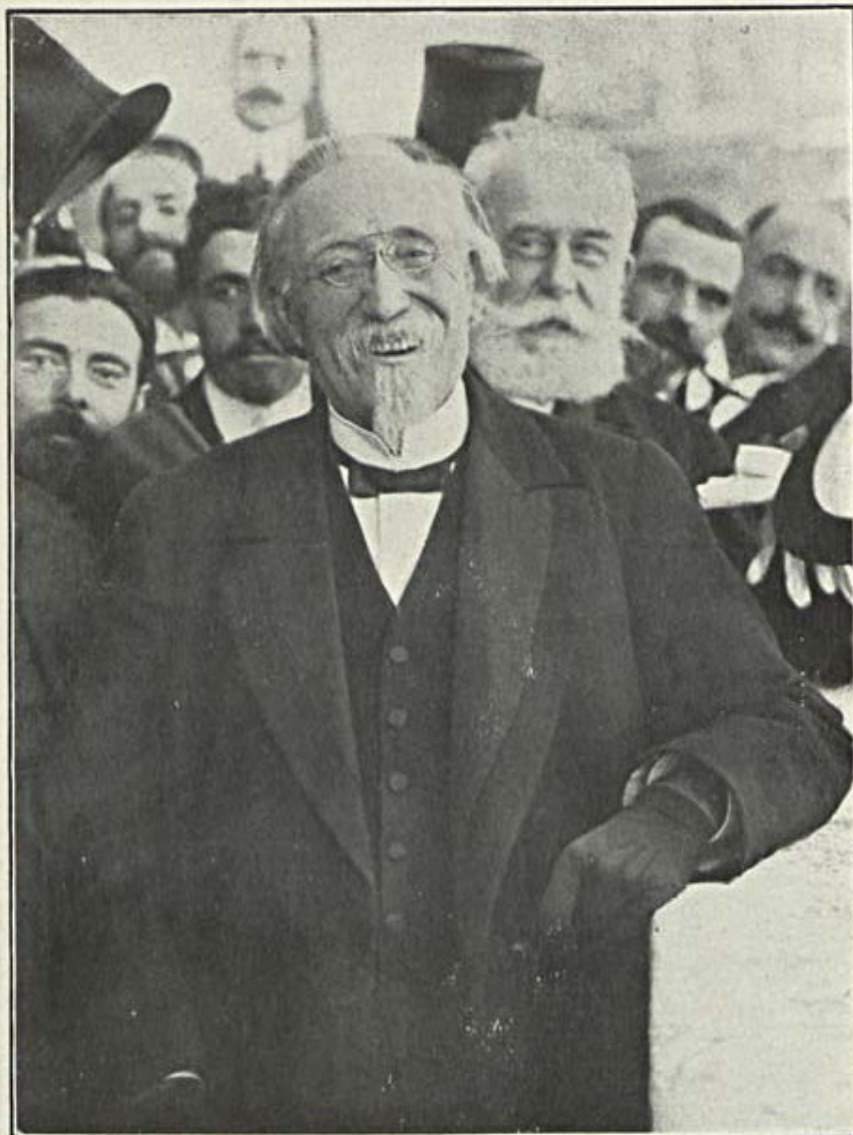
**E**STÃO separados os grupos, estão definidos os campos. De um lado os radicaes, do outro os ministeriaes... os thalassas. Foram os primeiros, notem, não sómos nós, que pozeram a alcu-

Esta expansão presidencial, talvez de um alto criterio politico e certamente de um coração bondoso e nobre, é para o espirito radical dos adversarios do novo governo, o qual provavelmente hade perfilhar aquelle ponto de vista, nada mais nada menos que uma provocação.

Pois se ha tempo pediram para os que conspiravam contra as instituições uma lei de excepção, se só com o sangue d'elles se contentavam, como podem agora perdoar este attentado de lesa-patria, esta magnanimidade ingenua, este gesto politico e anti-republicano, o primeiro gesto do Presidente, ao annunciar em nobres palavras, ao poder legislativo, a politica que ia ser encetada, de pacificação, de harmonia, de clemencia, de consolidação republicana?

Se motivos de ordem partidaria, se a necessidade de organizar

### A eleição do primeiro presidente da Republica Portugueza



*O sr. dr. Manuel de Arriaga, depois de eleito presidente da republica, apparecendo na varanda do palacio de S. Bento, acompanhado do sr. Anselmo Braamcamp Freire, para saudar o povo reunido no largo das Côrtes*

*(Phot. de J. Benoitel)*

nha aos segundos. E porquê essa alcunha que para os pés frescos, para os populares, para a rua, é rebate de guerra e de extermínio? Porquê?

Porque o bloco que apoia o governo quer modificações na lei da separação da Igreja. Porque o presidente da Republica, nas primeiras phrases que proferiu no parlamento, ao ser eleito, deu a entender, por palavras de um amplo significado, que estava no seu animo a concessão de uma amnistia a todos os que combatiam o regimen.

e fortalecer um partido da opposição, armado de ponta em riste contra o novo governo, logo que apparecesse, não existissem, aquelle bastava para determinar a guerra, guerra sem treguas, guerra que hade demolir estes e outros ministerios.

Assim como a lei da separação é a lei basilar da Republica para os que tenazmente a advogam e a querem integra e irreductivel, a guerra áquelles a quem teem chamado traidores da patria é para os mesmos a manifestação suprema da força das instituições.

Abalar essa força, transmutando-a num acto de clemencia, nunca para elles poderia ter o valor de uma nobre orientação politica, de um criterio de estadistas, de um acto de vasto alcance.

Arrancar á lei da separação qualquer das suas virgulas, desfazer qualquer dos attrictos e asperesas que lhe reconheceu o pre-

Está votada a Constituição. Está eleito o Presidente. Está reconhecida pela França a Republica. Tres victorias seguidas que o



A eleição do primeiro presidente da republica portugueza

O cortejo presidencial chegando ao palacio de Belem

(Phot. de J. Benoitel)

sidente da Republica tres dias antes de o ser, numa *interview* largamente reproduzida, seria derribar não a columna menos valiosa do edificio, mas o edificio inteiro.

E estas orientações politicas absolutamente oppostas definem e extremam os campos, constituem programmas de governo, afastam toda a hypothese de união e harmonia entre os elementos constitucionaes, cavam entre os dois grupos profundas scisões, e vão offerrecer aos simples observadores como nós um espectáculo unico: um combate de feras, não entre republicanos e monarchicos, mas entre republicanos e... republicanos.

#### E a Republica ?

Nas suas mãos leaes, nas suas mãos patricias, terá força bastante para ampará-la e mantê-la aquêlle que hoje preside aos seus destinos, eleito pelos seus concidadãos? Cincoenta annos na defesa de uma ideia, na propaganda, pela palavra e pela penna, dos principios em que ella se estriba, a coherencia levada ao sacrificio, o caracter sem mancha, o talento sem vaidade, a larga folha de serviços, a abnegação, a personalisação limpida de todas as virtudes moraes e politicas, serão elementos bastantes, serão dique sufficiente para quebrar e suster a onda das paixões que se desenca-deiam, das ambições que refervem, dos odios que se annunciam, das revindictas e retalições que estão latentes?

E' esta a pergunta que em todos os labios se fórma, n'este momento convulso, que se póde chamar um momento historico, em que a Republica depois de votar a sua Constituição proclamou o seu primeiro Presidente.

E seria injusto omitir que aquelles — o maior numero — que desacordam das respostas optimistas, sentem já o vago receio de acontecimentos que podem ser funestos, se acima de partidos, de facções, de luctas, de regimen, atingirem a Patria, que é a mãe commum, a mãe querida e idolatrada de quantos querem vê-la liberta, integra, prospera, intangivel!

nascente regimen deve celebrar comedidamente para evitar o perigo de lhe subirem á cabeça. Quando a victoria é excessiva póde causar a embriaguez dos sentidos e turvar a razão mais limpida.



O sr. dr. Manuel d'Arriaga quando estudante da Universidade

Votada a Constituição devia consistir todo o empenho da Republica em fazer acatar e fazer cumprir religiosamente todas as suas disposições. D'esse codigo de principios, bom ou mau, devia ella, até que as circunstancias obrigassem a refundi-lo, fazer um Evan-

gelho político, cuja integridade fosse por todos proclamada e defendida. Cobia aos dirigentes a missão de os inculcar no animo do povo, por forma tão eficaz e positiva, que logo a poucos dias da votação, se não podesse dar o espectáculo triste presenciado numa localidade a poucos kilometros da capital, dando-se dentro de uma igreja provocações e desacatos, incompatíveis com a tolerancia, o respeito pelos outros, e a civilização do nosso tempo.

De um a outro extremo do paiz foi sinceramente aclamado o nome do Presidente. Encontrar no nosso tempo um homem que vive ha mais de setenta annos, sem que nem sequer a calumnia se atrevesse a tocá-lo — tal o nucleo das suas qualidades individuaes e civicas — é o que os francezes chamam uma verdadeira... *trouvaille*. Na sua existencia, sem uma nodoa, sem um desfallecimento, de cidadão e de politico, encarna-se por tal maneira a Democracia, na sua expressão mais suggestiva e intensa, que o nome de Manoel de Arriaga seria a garantia de um regimen, se não viessem entorpecer-lhe ou desmorteá-lo a acção aquelles que levam o delirio das suas paixões e a vaidade do seu triumpho ás mais perigosas e aberradas consequências. Agrupem-se todos em torno d'elle seria missão de honra não só de republicanos mas de portuguezes, afim de que a união proclamada passasse dos vivos, no parlamento, á realidade na politica. Não será bem diferente d'este o espectáculo, que já se annuncia, e que não estará distante?

Das potencias europeas abriu a França o caminho. A mais poderosa nação latina foi a primeira a reconhecer a Republica Portuguesa. A mais gloriosa republica moderna estendeu os braços fortes e herculeos á sua joven irmã e nelles a ergueu para apresental-a consolidada á Europa monarchica.

D'este penhorante e largo gesto devia mostrar-se digna a nova instituição reconhecida pela França, e só o conseguiria, o que não é facil nem provavel, se aos radicalismos do periodo revolucionario, fizesse succeder a quietação nos espiritos, a tolerancia para todos os sentimentos, o respeito para todas as opiniões, e por tal forma garantisse a vida, a propriedade e os direitos de cada um, que proclamando todas as liberdades, não as permittisse nem effectivasse sem lhes impôr parallelamente todas as responsabilidades!

Este ideal de perfectibilidade attingido pela Inglaterra monarchica, attingi-lo-há um dia o Portugal republicano?

Parece-nos tão distante este futuro, que nenhuma M.<sup>me</sup> Brouillard seria capaz de devassá-lo.

JAYME VICTOR.

Sem o soffrimento é incompleto o amor da mulher, assim como é imperfeito sem a gloria o amor do homem.

## O primeiro presidente da republica portugueza

### Apontamentos biographicos

O primeiro presidente da republica portugueza, dr. Manuel José de Arriaga Brum da Silveira e Peyrelongue — nasceu na cidade da Horta, na ilha do Fayal, sendo filho de D. Sebastião de Arriaga Brum da Silveira e de D. Maria Christina de Arriaga Caldeira.

Advogado distincto, poeta delicado, escriptor vigoroso e politico de valor, foi deputado republicano ás côrtes nas legislaturas de 1882 a 1884 e de 1890 a 1892, e agora era membro da Assembleia Constituinte.

Foi brilhantissimo o seu curso na faculdade de direito na Universidade de Coimbra, afirmando-se, já ali, como tribuno e democrata intransigente.

Seu pae, um velho legitimista que o educára debaixo dos mais severos principios, discordando das idéas do filho, abandonou-o logo no fim do 1.<sup>o</sup> anno

Como era pobre, o actual presidente da republica resolveu abrir um curso pratico de inglez, lingua que tinha aprendido com uma professora americana, uma senhora que exerceu na sua vida uma influencia decisiva, pois foi ella quem pela primeira vez lhe deu a conhecer as obras de Byron, Lamartine e Victor Hugo, nas quaes Manuel d'Arriaga colheu os principios democraticos que sempre professou.

Alguns lentes da Universidade, sabendo da sua situação, reuniram-se e quizeram offerecer-lhe uma mensalidade para elle continuar o seu curso sem grandes sacrificios. Manuel d'Arriaga recusou e então os lentes foram matricular-se como seus discipulos durante dois ou tres annos.

Foi assim que o actual presidente da republica conseguiu continuar os seus estudos e ainda auxiliar os do seu irmão mais novo.

Terminado o seu curso, abriu banca em Lisboa, sendo rapidamente considerado um dos melhores advogados da capital. Entretanto, a sua fama de tribuno accentuava-se por tal forma que a cidade do Porto o convidou a tomar parte n'um *meeting*, em que elle foi alvo das maiores aclamações. Apresentou-se ao concurso para a 10.<sup>a</sup> cadeira da Escola Polytechnica, publicando, em 1866, a sua dissertação *Sobre a unidade da familia humana debaixo do ponto de vista economico*. Regeu durante annos a cadeira de inglez no Lyceu de Lisboa, tendo sido um dos vogaes da comissão creada por decreto de 1876 para a reforma da Instrucção Secundaria, tendo o seu projecto sido approved na generalidade pelo Conselho do Lyceu. Está inserto na collecção de respostas mandadas publicar pelo governo em 1877. Ao Congresso juridico, reunido em 1889 na Academia Real das Sciencias, apresentou o relatório: *These: O systema penitenciario*,

## No palacio de Belem



O sr. Presidente da Republica e seu filho Roque de Mello da Silveira, seu secretario particular

quando exclusivo e unico, abrangerá os phenomenos mais importantes da criminalidade. e, não os abrangendo, converter-se-ha n'uma instituição contraproducente e nefasta?

Sendo eleito deputado republicano pela ilha da Madeira, advogou nas Córtes tão brilhantemente e com tanta abnegação os interesses do circulo que o elegera, que os madeirenses declararam que havia muitos annos não tinham um representante mais desinteressado e dedicado.

Tambem escreveu uma dissertação sobre a necessidade da intervenção das sciencias naturaes na historia universal dos povos, para assental-a em bases positivas e dar-lhe um character verda-



*Braço d'armas da familia  
Arriaga*

deiramente scientifico. Essa dissertação foi publicada em 1878. Está igualmente publicado um notavel discurso de Manuel de Arriaga, proferido nas camaras dos deputados, na sessão de 23 de julho de 1890, sobre a *questão ingleza*.

No campo litterario tambem o dr. Manuel d'Arriaga, deixou assignalada a sua acção já em grande copia de bellas poesias, impressas umas e outras que se conservam inéditas, já em excellentes artigos publicados no imprensa, já finalmente, em brilhantissimas conferencias taes como a realisada no antigo theatro de D. Maria II, por occasião do centenario do Marquez de Pombal, que obteve um exito verdadeiramente retumbante.

Manuel d'Arriaga foi sempre um grande propagandista das idéas democraticas e por isso quasi pôde dizer-se que não existe



*Os tres filhos solteiros do sr. presidente da republica  
Manuel de Arriaga Brum da Silveira, D. Maria Adelaide  
de Mello Arriaga e Roque de Mello Arriaga*

no paiz um unico centro republicano onde elle não fizesse uso da palavra.

Não obstante, impoz-se sempre á consideração dos proprios adversarios pela sua bondade, pela pureza das suas intenções e pelo seu procedimento honesto e coerente. Fidalgo de raça, descendente de reis, Manuel d'Arriaga nunca fez do seu nascimento pedestal de glorias, desprezou todas as honras, assentando o seu prestigio unicamente sobre o seu talento e sobre as suas bellas



*D. Lucrecia de Mello Arriaga, esposa do sr. presidente da republica,  
com um dos seus netos*

qualidades moraes. El-Rei D. Luiz convidou-o para mestre dos principes D. Carlos e D. Affonso, cargo que Manuel d'Arriaga re-



*O predio da rua da Santissima  
Trindade em cujo primeiro andar  
reside o sr. dr. Manuel d'Arriaga.*

cusou. Mais tarde, em virtude de perseguições politicas, foi o actual presidente da republica despojado do seu logar de professor do Lyceu de Lisboa e o mesmo rei mandou a sua casa um dos seus

ajudantes para lhe significar que sentia a injustiça que lhe haviam feito.

Depois da proclamação da republica Manuel d'Arriaga foi nomeado reitor da Universidade e quasi a seguir procurador geral da republica.

A familia Arriaga teve o seu primitivo solar no povo de Alza, perto da cidade de S. Sebastian, provincia de Guipuzcoa (Hespanha), onde se distinguuiu sempre pelos seus feitos illustres. Figura como uma das mais antigas casas do reino visinho, tornando-se já notavel no tempo dos romanos na forte opposição que a provincia de Guipuzcoa fez ao consul Quinto Publio. A historia hespanhola cita Sebastião Arriaga como sendo um dos 500 infanções fidalgos que entraram na batalha das Navas de Tolosa ás ordens do rei D. Alfonso o Nobre.

Mais tarde esta familia passou a Portugal e João de Arriaga no seculo XVII emigrou para os Açores, onde casou com D. Catharina Brum da Silveira, descendente dos primeiros donatarios da ilha do Fayal.

O sr. dr. Manuel d'Arriaga é 25.º neto de um duque de França. Sua avó, D. Maria da Piedade Cabral da Cunha Godolphim de la Rocca era a 15.ª neta de El-Rei D. Alfonso III e descendente duas vezes do rei de Leão, Ramiro II, 2.ª neta de D. Fernando de Castella e 23.ª neta de Hugo Capeto, Duque de França, Conde de Paris e de Orleans.

Nos seus ascendentes figuram homens d'um alto valor intellectual e moral, como Manuel José d'Arriaga Brum da Silveira, conselheiro de Estado, que fez parte do governo provisorio da ilha Terceira, foi deputado ás Constituintes em 1821 e intendente geral da policia em 1826. O general Sebastião José d'Arriaga Brum da Silveira, cavalleiro da Torre e Espada, condecorado com a cruz de honra e merito ingleza, com a cruz de Hespanha e outras, foi um dos officiaes de artilheria mais distinctos do seu tempo e que fez toda a campanha da Peninsula, tornando-se notavel, sobretudo, na acção de Arroyo de Molinos e na batalha de Victoria.

Outro irmão dos precedentes, Miguel d'Arriaga Brum da Silveira, em exercicio na comarca de Macau, prestou grandes serviços ao seu paiz, apromptando uma expedição contra os piratas, que infestavam os mares da China, e conseguindo o restabelecimento dos antigos privilegios concedidos aos portuguezes pelo imperador da China.

O imperador tinha tal consideração por elle que lhe deu as honras de mandarin e decretou luto pela sua morte, ordenando tambem que o seu nome fosse gravado em letras de ouro.

E, finalmente, ainda outro representante da familia Arriaga, Sebastião d'Arriaga Junior, foi engenheiro agronomo distincto com o curso da escola de Grignon, tendo tentado estabelecer no Alemtejo uma escola modelo de agricultura pratica.

O sr. dr. Manuel d'Arriaga casou com a sr.ª D. Lucrecia de Mello Arriaga, filha do general Roque Francisco Furtado de Mello, um dos officiaes mais distinctos do cerco do Porto.

D'este nascimento nasceram os seguintes filhos: D. Maria Maxima d'Arriaga, D. Maria Amelia d'Arriaga, D. Maria Christina d'Arriaga, Manuel d'Arriaga Brum da Silveira, D. Maria Adelaide de Mello Arriaga e Roque de Mello Arriaga.

Dos filhos, genros e netos do sr. presidente da republica, publicamos hoje os respectivos retratos.



*D. Maria Maxima d'Arriaga Tavares*



*Capitão d'artilheria João Carlos Tavares*



*Maria Isabel d'Arriaga Tavares*



*Maria Amalia d'Arriaga Tavares*



*Joaquim d'Arriaga Tavares*



*Maria Maxima d'Arriaga Tavares*

### Colla para marmore

Para collar um objecto de marmore partido, offerecemos aos leitores a seguinte receita: Unem-se os pontos que se pretendem collar, previamente barrados com uma mistura de duas partes de cera, uma de resina e duas do mesmo marmore pulverisado. E' preciso que o marmore esteja secco e este cimento ligeiramente amollecido pelo calor.

Tapam-se os fundos do marmore com agua de colla misturada com pó d'alabastro, se o marmore é branco, d'ardosia se é cinzento e com oca se o marmore é vermelho ou escuro.

Dá-se depois polimento com pedra pomes finissima, ou giz.

## A outra esmola

A tarde era de fevereiro rispido e borrascoso, com um céu de ameaça e um vento açulado pela natureza em guerra aberta contra o montanhez.

Em serras altas da Beira, por estes tempo de gelo e tristeza, o serrano entorpecido de frio, enclausurado e sem appetite, parece hybernar na sua casa bloqueada de neve ou batida de vendaval constante.

Os unicos caloriferos de effeito são o calor da propria carne calafetada em grossos cobertores de lã ou a respiração ardente dos bois deitados na palha humida e infecta, entre os quaes o homem se aconchega e dorme, enquanto elles mugem de fome contra a neve que não derrete e contra a tempestade que se não dissipa.

O tempo, então, é horrivel, tentando ao desespero e á blasphemia, mas a gente boa e simples, baixa os olhos resignadamente:

— «Deus que o manda...»

O peor de tudo era haver n'essa tarde uma novidade estimulante, levada em prospectos, ás portas dos domicilios, por um garotete de pé descalço que bem merecia, pelo commettimento, uma venera de heroe: concluiu-se, na terra, um barracão para animographo onde, á noitinha, se exhibiriam umas fitas veneraveis e gastas de correr mundo...

Por tal acontecimento, em todas as casas remediadas se estava a pé, a trêmer de frio e anciedade!

Mas a tarde, aquella tarde, era impossivel, malcreada, irritante!

E a hora chegava-se sem que o maldito barometro acenasse uma esperança!

Por duas vezes lancei, desesperado, a mão ao chapéu disposto todos os heroismos, e por duas vezes o repuz, vencido, no páo recurvo do cabide velho!

De repente — parecia milagre! — a chuva cessou e um nevoeiro desceu baixo e calmo a rastejar, em farrapos cinzentos, sobre os lamaças da rua.

Um contentamento de grande gala!

A' porta da bilheteira — um estreito cubiculo feito com madeiramento de pinho — accumulou-se a cidade pressurosa, na inveja de comprar urgentemente bilhete para escolher um lugar de mais destaque.

Velhos de chapéu alto e senhoras de pellica, moços e raparigas, acotovelavam-se mostrando o tostão, já filado e prompto, nas extremidades geladas dos dedos, para não haver enganos nem demoras de troco...

A casa ia estar á cunha.

Nem as creanças faltavam, apparecendo nos braços das amas

e pelas mãos dos parentes, tão acuteladas e rotundas, que pareciam recolhidas em bojudas saccas de lã.

E a invejar o nosso goso, a suprema bemaventurança de possuir um tostão com que adquirir o mysterioso bilhete, viam-se, á roda de nós, sob o frio glacial, operarios sem camisa, agasalhados em fato de cotim, e creancinhas rotas, descalças, a chapinhar na lama que la gelando, de olhos postos nas creancinhas ricas que entravam gratuitamente, só porque tinham parentes que lhe dessem a mão.

Num momento em que nos apinhavamos á bilheteira, senti que uma mãozinha muito fria e aspera, se metia na minha apertando-me os dedos:

— O' meu senhor!...

Voltei-me rapidamente.

Junto de mim estava uma esfarrapada de seis annos, descalça, sem lenço, e os ossos da cara salientes, aguçados da fome. Olhava-me n'uma supplica enternecedora:

— ... Diga que sou sua filha, meu senhor!... e leve-me!... ande, leve-me!...

Assaltou-me uma commoção que oscillou entre um sorriso e uma lagrima.

— Mas tu não vês que sou padre?...

A pequenita abriu muito os olhos, sem comprehender, e um aperto mais violento da multidão separou-nos.

A' entrada, vi que ella se occultava com o panno comprido do meu casaco, seguindo-me depois pelos renques das ca-

deiras e sentando-se confiada a meu lado.

Estava risonha, de olhos vivos e meigos, cheios de curiosidade por tudo o que via.

— Então não tiveste medo de entrar, sem bilhete? — perguntei-lhe a sorrir:

— Não, meu senhor. As outras meninas pequenas tambem entram de graça, com os irmãos, com a familia, e eu entrei comsigo.

A resposta commoveu-me intensamente.

— Depois ella contou-me a sua historia. Era uma historia pequenina e tragica: tinha um pae que se embriagava e uma madrastra que lhe batia e lhe fechava o pão.

Dei-lhe uma moeda.

— Toma: isto é para comprares bolos.

E a creancinha sem algibeira no seu vestido esfarrapado, sem fitas, pousou-a distrahidamente no angulo da cadeira.

A' sahida quiz saber o nome della.

— Conceição de Jesus... — respondeu contentissima.

E eu, demoradamente, como quem não ouviu bem e deseja fixar um nome, perguntei: — Conceição de Jesus?...

E a pequenina Conceição, a esfarrapada roida de fome, ficou delirante e muda a olhar para mim, de olhos accesos na chamma de uma

ventura nova, por ter encontrado alguem que lhe aprendera o nome!... Soube, mais tarde, por ella, que esquecera a moeda no angulo da cadeira, tal fóra a ventura... a outra esmola desse dia...

PADRE ALVARES D'ALMEIDA.



*D. Maria Christina d'Arriaga e Barros e seu marido Henrique de Barros*



*Affonso Manoel d'Arriaga e Barros*



*Lucrecia Marianna d'Arriaga e Barros*



*Dr. Luiz Xavier da Costa  
marido de D. Maria Amalia d'Arriaga  
Xavier da Costa*

## A MENINA HELENA

I

Luiz Mennier era prefeito no lyceu de B... em 187... O pobre rapaz morreu ha pouco tempo, e os medicos deram um nome muito scientifico á doença que o matou. Mas eu que o conheci,

nosso pião, quer dizer, o nosso paciente, o alvo de todas as partidas mais ou menos espirituosas, que nos lembravam.

Os internos, que compunham metade da classe, contavam-nos de manhã o que tinham inventado de noite para perturbar o somno do pobre prefeito, que dormia no seu cubiculo, e nós riamos-nos a perder, sem sentirmos pena alguma, quando apparecia Mennier, com a physionomia um pouco fatigada por não ter dormido. Nós, os externos, para tambem termos que contar, tinhamos organizado um systema de policia completo, para espionar o desgraçado prefeito nos dias de sahida.



*D. Maria Amelia d'Arriaga Xavier da Costa e seus filhos João Manuel, Luiz Maria, Maria Lucrecia, Maria Christina e Matheus José d'Arriaga Xavier da Costa*

posso afirmar-lhes que morreu por ter trabalhado muito, por ter soffrido muito, e por só ter conhecido da vida os seus desalentos.

Quando me vem á memoria a sua pobre physionomia soffredora, muito pallida e muito triste sobretudo, recordo-me amargamente de como eu e os meus condiscipulos augmentavamos os tormentos a esse pobre desherdado da Fortuna.

No meu quinto anno, no lyceu de B... Luiz Mennier era o

Tinhamos notado que á sahida das aulas, quando o sr. Mennier vigiava a sahida dos alumnos, á porta do lyceu, cumprimentava, córando muito, uma rapariga, que por lá passava muitas vezes, com um rolo de musica debaixo do braço; tinhamol-a seguido, e dentro em pouco toda a aula sabia que se chamava Helena Poincier, que morava na rua dos Faussets, perto do lyceu, e que sustentava sua mãe, dando lições de piano.



Exactamente n'essa occasião era a nossa classe a unica que ainda não puzera alcunha ao seu prefeito; o da setima tinha a alcunha de *Jacaré*, porque a senhora Natureza o dotara com uma bocca descommunal; os da terceira tinham dado ao seu a alcunha de *Losango*, porque tinha as pernas tortas; nós demos a Luiz Mennier a alcunha de *Menina Helena* pela qual depressa ficou sendo conhecido em todo o lyceu.

## II

Um dia, um novato, Jacques Duval, vendo pela primeira vez o *Menina Helena*, exclamou:

— Oh! que bom typo! E' o namorado da professora de piano que vive com a mãe, na casa ao nosso lado. Oh! vou-lhes contar boas coisas a seu respeito.



D. Maria Thereza  
Archiduchessa de Austria

Completa hoje cincoenta e seis annos, Sua Alteza Imperial e Real a Serenissima Senhora Infanta Dona Maria Thereza de Bragança, segunda filha de El-Rei Dom Miguel I, viuva do Archiduque Carlos Luiz e cunhada do Imperador d'Austria, Francisco José.

Nascida nas terras do exilio, mas educada n'aquelle lar respeitabilissimo, onde se reuniam todas as virtudes da alma portugueza, e onde o amor da Patria distante tinha o mais fervoroso culto, a gentil e nobilissima Princeza recebeu dos seus augustos paes aquella educação primorosa que lhe deu o direito de presidir á primeira corte da Europa, sendo ainda hoje uma das mais brillantes figuras da familia imperial austriaca, a que se ligou pelo seu consorcio com o que depois foi o successor da corôa dos Habsburgos. Quando, revestida de todos os encantos, que ainda conserva, e d'aquelle magestade que a caracteriza, Sua Alteza atravessa as ruas de Vienna, o povo que a cumprimenta respeitoso, murmura, reconhecido ao valor da formosa Infanta de Portugal — que Imperatriz nós perdemos... Não quiz a Providencia, roubando-lhe o esposo estremecido, cingir-lhe na fronte augusta o diadema do mais aristocratico imperio do mundo, mas dispensou-lhe prodigamente uma outra corôa mais bella, a da estima geral, desde as mais altas ás mais infimas camadas sociaes. E' hoje dia de gala na Austria e na Hungria; em Portugal tambem os fieis á causa da legitimidade, representada por seu augusto irmão, solemnisam com a dedicação a data gloriosa para a Serenissima Casa de Bragança.

Nem sempre as relações entre a mais poderosa familia portugueza, que desde 1640 assumiu o poder real, e os seus altivos parentes da Casa de Habsburgo, foram cordeaes e affectuosas. Se d'um Imperador austriaco, um irmão d'El-Rei Dom João IV, o Infante Dom Duarte, recebeu as maiores provas de estima, d'um outro, seu filho e suc-

cessor, levado por intuitos politicos, lhe vieram aggravos que a historia não perdôa. Correram os tempos, modificaram as razões que não podem justificar violencias e injustiças, mas que obrigaram a Casa d'Austria a mudar de rumo e até a acceitar d'um sobrinho do nobre prisioneiro de Milão, o almejado soccorro nas suas pretensões ao throno de S. Fernando. A paz estava feita, celebrando-se a primeira alliança entre as duas familias reinantes, em 27 d'outubro de 1708, pelo casamento d'El-Rei Dom João V com a Archiduchessa Marianna, filha do Imperador Leopoldo I. Mais tarde, em 1818, renovou-se pelo consorcio do Principe Real Dom Pedro d'Alcantara (depois primeiro Imperador do Brasil) com a Archiduchessa Maria Leopoldina; e em 23 de julho de 1873 outra alliança matrimonial se verificou entre as duas Casas já ha muito reconciliadas na mais sincera amizade. O Archiduque Carlos Luiz, irmão do Imperador da Austria, recebia por esposa uma das mais bellas Princezas da Europa, a Senhora Infanta Dona Maria Thereza de Bragança, filha do ultimo Rei portuguez, que os Tres Estados e o povo acclamaram em 1828. Após sete annos de orphandade pela morte d'Aquelle que no exilio attingira a sublimidade da grandeza humana, uma d'essas encantadoras Princezas, nascidas e condemnadas á morte por uma lei selvagem, ainda em vigor, ligava os seus destinos a um Principe de uma familia reinante das mais nobres e poderosas da Europa!

E' que a justiça de Deus é sobranceira aos designios dos homens.

JOÃO FRANCO MONTEIRO.

Rodearam-n'o, festejaram-n'o. Nunca nenhum novato alcançou tão depressa popularidade como Jacques Duval.

Foi bom rapaz, e quiz-nos contar o que sabia a respeito de Helena Poincier, e do seu noivo, Luiz Mennier.

— Imaginem, meus amigos, que a janella da casa d'ella fica mesmo em frente e a uma pequena distancia da minha. Basta-me pôr uma cadeira sobre a mesa, e um tamborete sobre a cadeira,



A «Gioconda»

Notavel quadro do pintor italiano Leonardo de Vinci, ha pouco roubado do museu do Louvre, em Paris, sem que a policia até hoje tenha conseguido descobrir o auctor do roubo d'esta preciosidade artistica de reputação universal.

para vêr tudo o que se passa em casa dos meus vizinhos. Estou como se estivesse n'um theatro, vendo o espectáculo d'um camarote de bocca; e, co'a bréca! algumas vezes é da gente se torcer.

— E elle atira-se muito? perguntou um pequenito muito interessado pelo caso.



**DOLORES RENTINI** — († em Pernambuco a 15 de Julho de 1911)

*O publico de Lisboa foi ha tempo dolorosamente surprehendido com a noticia da morte da actriç cantora Dolores Rentini. Tinha muitos admiradores a gentil actriç cuja formosura mais fazia realçar a sua voz deliciosa. O seu falecimento, que em todos os casos seria sentido, mais impressão produziu pelas circumstancias tragicas em que se deu. Foi mais uma vida, e esta ainda cheia de esperanças, que a febre amarella nos arrebatou! Que descance em paz a infeliç actriç.*

— Se se atira, ó meu petiz, pois elle não vae lá para outra coisa!... Não é nada bonita a sua... Dulcinéa, nem engraçada... veste mal... Nada chic!... Elle vae vel-a todas as quintas e domingos, leva um ramallete de violetas de dois sous...

— Bravo o luxo! Mas então elle deve ter as minas da California!

— Ella agradece-lhe como se o ramo valesse vinte francos; durante todo o dia traz o ramo no corpo do vestido e á noite põe-n'o cuidadosamente em agua...

As senhoras Poincier não teem creada; a mãe faz a comida, e a filha, quando a não vae ajudar, toca piano para o seu namorado ouvir; canta-lhe uma quantidade de «massadas» que elle escuta revirando os olhos... O que aquelle homem se deve divertir, é inaudito!... Mas eu ainda me divirto mais do que elle a vêr o que elle faz.

— Sabes, interrompeu um dos estudantes, chamado Leão Gautier, sabes que ella passa por aqui quasi todos os dias á sahida; mas não se falam: o prefeito

tira-lhe o chapéu e ella passa muito depressa, quasi que sem olhar para elle.

— Ora essa! se o sei! Mas do meu observatorio ouço o que elles conversam, quando a janella está aberta... Venham domingo, os que não estiverem «presos» e ouvirão boas coisas!... Aqui está o fundo da conversa: «Quando eu fôr professor e estivermos casados, minha Helena, não trabalharás mais; esse trabalho escangalha-te; occupar-te-has do arranjo da casa e eu darei tantas lições que te não faltará nada!...» E é tudo n'este gosto!

— Que patetinhas!

— No outro dia elle agradeceu-lhe o passar por diante do lyceu á hora da sahida. Parece que lhe dá coragem para todo o dia entrevel-a um instante.

E vae ella fez-se muito córada e acabou tudo com uma beijoca.

### III

Jacques Duval passou a ser o rapaz da moda na aula.

Todos os dias tinha boas historias a contar ácerca da Helenasita, e já todos lhe mettiam a cara quando ella passava; mas como o repetidor nos podia fazer alguma, iamos esperar a rapariga á esquina da rua, e alli faziam-se-lhe grandes barretadas, pediam-se-lhe noticias do «sr. professor» e ella deitava a fugir muito córada.

Todo o seu vestuario fôra criticado e passado em revista por aquella creançada, para quem nada é sagrado. O seu pobre vestidinho desbotado, o seu chapéu a que a humidade tirara a fórma, tudo servia para a troça. Não era bonita, a pobre rapariga, bem longe d'isso, e o seu vestuario em nada favorecia as suas fórmas, que eram talvez graciosas; mas tinha um ar modesto e digno, que devia inspirar-nos respeito!

Demais, apesar dos tormentos que lhe infligiamos, a Helenasita persistia em vir procurar, de tempos a tempos, no sorriso furtivo do seu amigo, a força e a coragem que lhe faltavam na sua tarefa, tão rude, de «caçadora de lições».

## A conspiração monarchica



**O REGRESSO DO BATALHÃO DE CAÇADORES N.º 5** — O batalhão formado no Largo dos Caminhos de Ferro

*Depois de longa ausencia, tendo estado na fronteira do norte vigiando os movimentos dos conspiradores monarchicos, regressou no dia 16 do mez findo a Lisboa, ao seu quartel no Castello de S. Jorge, o batalhão de caçadores n.º 5. Claro está que houve as naturaes demonstrações de regosijo entre os soldados que chegavam e os parentes e amigos que os foram esperar, festejando tambem os habitantes da freguezia de Santa Cruz do Castello o regresso do seu regimento.*

Por nossa culpa tinham os noivos de perder aquelle pequeno momento de felicidade.

Um dia, Jacques comprou um ramo de violetas, e quando Helena, córada pela emoção que lhe causava o ver seu noivo, se apressava em voltar para casa, elle apresentou-se na esquina da rua, fazendo-a parar para lhe offerecer as flôres.

— Da parte do sr. Mennier, seu futuro marido! disse-lhe em ar de troça.

Ella empallideceu, e, erguendo para elle os seus olhos tristes d'onde já as lagrimas trasbordavam:

— Como é covarde o que está a fazer! disse ella.

E livrando-se do grupo que a cercava, desapareceu.

Tentámos rir da «cara com que ella ficára», mas no fundo do coração sentiamos que a brincadeira fôra além dos limites.

A Helenasita nunca mais passára defronte do collegio, não

em baixo, escrevera não sei que legenda burlesca, que nos fez rebolar de riso.

Luiz Mennier entrou na aula, pallido e desfigurado; caminhou n'um silencio de morte até junto da pedra; depois, vendo a heidonia caricatura, cambaleou e escondeu o rosto nas mãos.

Um soluço quebrou o silencio que pesava na sala; depois, como todos nós o fitávamos, um pouco assustados, levantou vagarosamente a cabeça, e disse-nos com uma voz mortalmente triste:

— Meus senhores, peço-lhes que acabem com essas horribes brincadeiras: aquella de quem estão zombando acaba de morrer!

E com passos vagarosos, sahiu da sala, deixando-nos aterrados.

De todos nós, nem um só deixou de se arrepender de tudo quanto fizera á pobre rapariga!

Jacques, o mais ardente em ridicularisar os dois pobres namorados, tinha até as lagrimas nos olhos e repetia a meia voz:



A CONSPIRAÇÃO MONARCHICA — O regresso de caçadores n.º 5

O batalhão passando em frente do Museu de Artilharia

(Phot. de A. C. Lima)

ousando expôr-se aos nossos ataques; mas nem por isso deixámos de fazer soffrer o seu pobre namorado, cujo rosto triste, quando á sahida elle se encostava á porta, nos fazia perder de riso.

— Lá está o morcego á espera da coruja, diziamos nós, sem nos importarmos de que elle ouvisse.

#### IV

D'ahi a pouco tempo, Jacques disse-nos que a menina Poincier estava doente.

— Aquillo não é nada!... vocês bem sabem que as mulheres por qualquer coisa se queixam!

E não reparavamos no rosto cada vez mais triste do pobre prefeito...

... Um dia, o artista da classe, Leão Gautier, que tinha os seus cadernos cheios de caricaturas da Helenasita e do seu noivo, desenhou na pedra, antes da chegada do prefeito, um horrivel retrato da rapariga beijando um ramo de violetas que tinha na mão;

— Palavra, que tenho pena que ella tivesse morrido!...

No recreio da tarde foi esmagado por perguntas de todos nós: todos queriamos saber o que se passava em casa da menina Helena.

— Que tristeza lá vae! disse elle, o medico diz que ella morreu por ter trabalhado de mais, e por ter tido muitos desgostos... Está lá o sr. Mennier que consola a pobre mãe, depois chora como um perdido... São tão pobres, que foi preciso empenhar o anel do casamento da sr.<sup>a</sup> Poincier para pagar as despesas da doença, e o sr. Mennier vendeu, hoje, o seu relógio para pagar o enterro...

Tudo isto era contado como a custo e a voz de Jacques parecia rouca.

— Quando é o enterro?

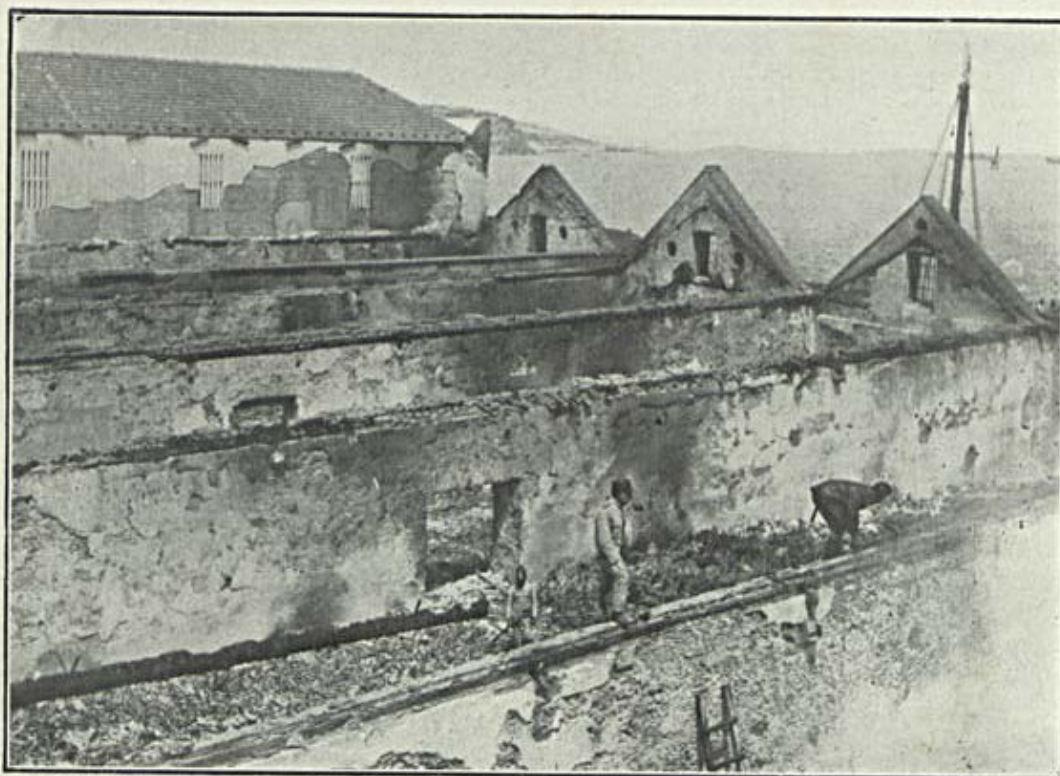
— Amanhã, ás nove horas.

— Se nós lá fossemos? aventou Leão Gautier, hesitando um pouco.

— Sim, vamos lá!... Devemos lá ir... Tiram-nos o recreio por assim faltarmos ao collegio, mas que nos importa!...

— Eu, disse Jacques, gostava que ella tivesse flôres no caixão,

## O grande incendio nas fabricas de cortiça do Caramujo



O que ficou das fabricas incendiadas

(Phot. de J. Benoliel)

*Estão em moda as grèves no nosso paiz. Durante a quinzena declararam-se trez, todas ellas importantissimas e ainda sem resolução no momento em que escrevemos. São ellas as grèves dos fragateiros, dos trabalhadores ruraes e dos corticeiros. Sem desconhecemos a razão que em muitos casos assiste aos operarios, pois que o salario é quasi sempre insufficiente para fazer face á carestia cada vez maior dos generos de primeira necessidade, não podemos deixar de lamentar um facto cujas consequencias hão de ser sentidas pelas grandes empresas industriaes, pelo publico e consequentemente pelo operariado.*

*Coincidindo com a grève dos corticeiros temos a registar o grande incendio das fabricas de cortiça do Caramujo, incendio evidentemente lançado por mãos criminosas e cujos prejuizos parecem ser superiores a 700 contos de réis.*

*A justiça prendeu como suspeitos alguns operarios corticeiros, declarando estes, no entanto, que nenhuma responsabilidade lhes cabe no grande incendio de que as nossas gravuras dão uma pequena idéa.*

a pobre morta, e se nós nos quotisássemos, podíamos comprar uma corôa.

Dizendo isto, estendeu o chapéu a todos.

### V

No dia seguinte, pela manhã, chegavamos á casa onde Luiz Mennier tantas vezes levava os seus pobres raminhos de violetas.

Entrámos sem bater á porta, que estava aberta.

Jacques, que ia á frente, entrou n'um quarto onde o caixão esperava, em cima de umas carteiras, que a tumba chegasse; tremia um pouco o nosso amigo, e sobre a pobre morta cahiu-lhe dos olhos uma lagrima, ao mesmo tempo que collocava a corda branca, comprada com as nossas economias reunidas, e posta alli como uma especie de expiação para com a pobre Helena.

Luiz Mennier não reparara em nós: a um canto do quarto tentava socegar a pobre mãe, ao passo que os soluços interrompiam constantemente as meigas palavras que lhe dizia.

Quatro homens vieram enfim buscar o caixão e atraz ia Luiz Mennier, de cabeça descoberta, seguido por alguns visinhos.

Nós eramos uns trinta, que engrossavamos o cortejo, não contando os externos da quinta classe; e todas as pessoas que passavam voltavam-se, vendo-nos seguir, graves e tristes, atraz do caixão muito branco.

— E' de certo algum camarada que lhes morreu! diziam.

No cemiterio, o pobre prefeito pareceu perder um pouco do seu socego forçado quando a terra cahiu sobre tudo o que restava do seu modesto sonho de felicidade.

Mas estava habituado a dominar-se, e, fazendo um violento esforço, nada mostrava do que lhe ia n'alma.



O grande incendio nas fabricas de cortiça do Caramujo

A fachada das fabricas incendiadas

(Phot. de A. C. Lima)

Quando tudo acabou, voltou-se para nós, que esperavamos, de cabeça descoberta, e estendendo-nos a mão:

— Obrigados, meus bons amigos! disse-nos em choro convulsivo.

## O LAR

Sois a realza da Creação, o reflexo da Divindade!  
Ah! para solettrar-vos, pagina encantadora do eterno poema da vida, é necessario ter na frente o clarão de arrebol dos vinte an-

### Movimentos de protesto



*Os grevistas corticeiros e a tropa  
junto da cadeia de Almada no dia seguinte ao do incendio  
das fabricas do Caramujo*

nos; é preciso sentir-se na alma as vibrações do entusiasmo e da fé; guardar no coração, sempre apaixonado e altivo, os sonhos da esperança e as illusões do amor, em pleno desabrochar de todas as suas graças!

Como é possível o pó elevar-se aos astros, o verme subir tão alto?!

E nós, os homens, somos o pó invisível, o verme que se arrasta...

Dispamos o manto esfarrapado do nosso orgulho e digamos bem alto: «Diante de vós, nada valemos!»

Atomos perdidos, levados na aza do tufão destruidor do desalento ás paragens sombrias do destino humano, que somos nós sem as vossas afeições, longe da luz consoladora do vosso olhar?!

Miseros viajores, consumidos de febre, o peito arido, os labios seccos... até nas sombras mysteriosas da campa, que somos nós sem as vossas saudades?!

No fluxo e refluxo das multidões, a lucta que fátiga, a vingança que persegue, a calumnia que desorienta — tudo isto que vale?

Vencemos ou somos vencidos! Que importa?

A alvura casta do leito em que repousa nossa filha não foi manchada; a esposa que se adora é o balsamo que cicatriza as feridas sangrentas; e a nossa velha e santa Mãe é o refugio sagrado a que nos abrigamos, confiantes no dia de amanhã!...

Filha, esposa e Mãe...

Eis a base de tudo. Eis a trilogia sublime que synthetisa, por assim dizer, a força dominadora das sociedades modernas.

B. PINTO.

Para um coração apaixonado a maior dôr é não se sentir capaz de satisfazer ao coração que elle ama.

## Barometro dos jardins

Este barometro é uma simples teia d'aranha. Quando o tempo estiver para ser de chuva ou de vento, a aranha encolhe muito os ultimos pés a que a teia está suspensa, e assim os deixa emquanto o tempo se mantém variavel. Se o insecto estende os pés, é signal de bom tempo e calma, cuja duração se verifica pelas proporções em que elle alonga os pés. Se a aranha ficar quieta é signal de chuva. Se, pelo contrario, se põe a trabalhar durante a chuva, é porque ella será de pouca duração e seguida de bom tempo invariavel. Outras observações confirmam que a aranha faz transformações na sua teia todas as 24 horas; se são á tarde, um pouco antes do pôr do sol, a noite será bella e clara.

Era n'uma feira. Um sujeito entra n'uma barraca onde está uma mulher que adivinha o futuro. Estende-lhe a mão, e ella prophetisa-lhe tudo, e adivinha-lhe até o passado.

O homem fica muito satisfeito, e vae-se embora sem pagar.

— Pois você adivinha o passado, o presente e o futuro, diz-lhe elle indignado, e não adivinha que eu não tinha dinheiro! Ai, que pantomimeira!

Um homem que não vivia em muita harmonia com a mulher, recommendou no seu testamento que quando o enterrassem lhe collocassem na mão uma vara de marmeleiro.

— Singular desejo! — exclamou um dos testamenteiros.

— O maldito imaginava que eu ia fazer-lhe companhia no ataúde — replicou a viuva.

## Dois namorados

O rapazito olha-a, fica a olhal-a, sem se mecher, encantado, com um sorriso nos labios. — Oh! como ella pousou a cabecita sobre o seu hombro!

E' uma creaturinha gentil, adoravel, deliciosa. Vestida de cor de rosa, o cabelo em cachos de ouro, os olhos ternos e azues, a



**MOVIMENTOS DE PROTESTO** — A greve dos fragateiros

*A paralisação do movimento fluvial (Phot. de J. Benoliel)*

sua vista impressiona a nossa alma como a leitura d'uma ballada. O rapaz é um pouquinho maior.

Brincaram todo o santo dia; saltaram, correram, riram muito; e cançados, enternecidos pela bella tarde, sentaram-se á porta da ermida que fica no declive da collina.

A tarde vae adiantada: já os pinheiraes, ao longe, fingem cohortes guerreiras que tentam escalar as montanhas; e em frente,

homem, e principalmente pelo sr. delegado, que está sempre a pegar em ti ao collo e a dar-te beijos e beijos.



MOVIMENTOS DE PROTESTO — A greve dos fragateiros — A cavallaria protegendo algumas carroças com mercadorias

por sobre as arvores, estende-se uma faixa de mar onde um vapor fuma docemente.

E, muito chegados um ao outro, o rapazinho murmura-lhe:  
— Jura-me que nunca mais te deixarás beijar por nenhum

Mas a creaturinha não responde, e elle olha-a e fica a olha-a, sem se mecher, encantado, com um sorriso nos labios.

Oh! como ella adormeceu serenamente sobre o seu hombro.

GUILHERME GAMA.



MOVIMENTOS DE PROTESTO — A greve dos trabalhadores ruraes — Grupo de trabalhadores da Moita que vieram a Lisboa

(Phot. de J. Benoliel)

## THEATROS

**Apollo** — *Os Sete Castellos do Diabo*, magica em 3 actos e 16 quadros, arreglo de Eduardo Garrido e musica de Carlos Calderon. — **Variedades** — *Peço a palavra...* revista em 2 actos e 6 quadros, original de Alvaro Cabral e João Bastos, musica de Thomaz Del-Negro. — **Colyseu dos Recreios** — Companhia italiana de operetta.

— E' quasi sempre pobre em assumptos theatraes a época que atravessamos. Ainda assim, duas peças se representam actualmente nos nossos theatros que merecem especial referencia. Uma d'ellas, *Os Sete Castellos do Diabo*, arreglo de Eduardo Garrido, foi representada ha uns bons trinta annos na **Trindade**, correndo depois todos

cienciosamente, dizendo e gesticulando com acerto. Em varios papeis contribuíram para que o conjunto fosse harmonioso — Jorge Gentil, Salles Ribeiro e Pedro Machado.

— Agora, *peço a palavra* para falar da revista do mesmo titulo que se está representando no **Variedades** e que é uma feliz e inspirada composição de Alvaro Cabral e João Bastos. — São dois actos apenas, pequeninos; o assumpto preciso para uma hora e meia bem passada; numeros todos aproveitaveis, nada para deitar fóra, e tudo fugindo da vulgaridade; graça a faltar; bonita musica; optimo scenario; guarda-roupa excellente e mulheres encantadoras. Os principaes papeis estão a cargo de Pepita d'Abreu, Isabel Pacheco, Alda Aguiar, Nascimento Fernandes, Alvaro Cabral e Mario Veiloso. Emfim, não se pode exigir mais. Os nossos parabens aos auctores e á empresa.

— Continúa em pleno successo a companhia de operetta italiana, que está passando em revista todo o seu repertorio que é vastissimo.

## THEATROS

## Theatro das Variedades



Final do 1.º acto da revista «Peço a Palavra»

(Phot. de A. C. Lima)

os theatros de provincia, e ainda nos lembramos de a ter visto na antiga feira de Belem, sempre com entusiastico successo. Apesar de antiga, e do publico já estar pouco affeito áquelle genero de peças, pois já o não emociona a lucha ingenua entre um anjo bom, personificado, quasi sempre, n'uma graciosa fada, e um anjo mau, um Diabo completo. — Lusbel se chama agora o mafarrico, — ella lá vae cumprindo a sua missão, porquanto a musica de Calderon, que é nova, adapta-se bem ao ouvido, e os ditos de espirito e trocadilhos succedem-se por fórma a manter sempre a gargalhada. Alem d'isso o scenario de cuja execução se encarregaram Luiz Salvador, Eduardo Reis, Joaquim Viegas, Del Barco e Julia Machado, auctoridades no assumpto, é de um effeito maravilhoso, pouco usual nos nossos theatros, e contribue poderosamente, bem como o guarda-roupa, para o exito que a peça está obtendo.

O desempenho, muito correcto principalmente por parte de Isaura Ferreira, que nos deu uma *Uriela* — genio infernal — excellent; Laura Hirsch e Alice Benavente, são duas graciosissimas camponezas; João Lopes tambem se destacou no *Rei dos Infernos*, que exteriorizou cons-

e a sala do **Colyseu dos Recreios** é pequena para a quantidade de gente que todas as noites ali accorre, aproveitando as excepçoes condições d'estes espectaculos, os mais d'elles a meios preços, e que só um empresario como o sr. Antonio Santos, pondo o publico acima dos seus interesses, poderia realisar. E' aproveitar, pois que a companhia parte para o Porto no dia 8; e a preposito de 8 diremos que salvo aviso em contrario, subirá n'essa noite á scena na **Trindade** uma revista em 3 actos intitulada *Vendas de Patrulha*, de que temos optimas informações.

Ruy.

Discutia-se n'uma reunião a cremação dos cadaveres, e um medico que estava presente sustentava que a cremação era uma barbaridade. Um dos ouvintes disse:

— Comprehendo perfeitamente que o doutor seja d'essa opinião, porque ninguem gosta que lhe queimem as suas obras.

## MEDROSA

**A** natureza — a noiva dos poetas — alvoreceu mais bella! Vamos. Receias? De que? De mim? Pobre criança! Tu és o meu ideal. o unico ente que na terra adoro! Sentes saudades? Ah! desditoso poeta! Porque supplicas a manifestação pungente, dolorosa das lagrimas, se ellas nem sequer orvalham as flôres resequidas, mortas, de tu'alma, sobre o brilho fulmineo, ardente, do sol das paixões?!

Scismas? Eu sei! O desalento agita-se em teu peito produzindo o delirio, a febre! As agonias apagam as irradiações do teu olhar



Dolivaes Nunes

### A sciencia e o calculo

*Acaba de sair á luz da publicidade um livro denominado A Sciencia e o calculo em face da roleta.*

*O auctor d'esse livro é o conhecido jornalista João de Deus Guimarães que d'uma maneira superior faz a propaganda do methodo Dolivaes e nos revela as benemeritas intenções d'este illustre portuguez que ha annos luta tenacissimamente pela extincção dos jogos de azar.*

*Pensa o auctor do methodo que quando os jogadores souberem applicar o methodo da sua invenção deixarão de existir os jogos da roleta, banca franceza, trente et quarante, etc., pois que conseguindo dominar os desvios maximos por uma disposição que desenvolve a sciencia explica na obra a que nos estamos referindo, não mais poderá haver a superioridade decisiva dos banqueiros sobre os jogadores.*

*Dolivaes Nunes vive em Paris e tem consagrado parte da sua fortuna a premiar os auctores das melhores producções que scientifica ou racionalmente demonstrem o perigo de taes jogos e a improficuidade da applicação de varios processos denominados d'Alembert, Martin Gall, e outros absolutamente empiricos e que tem arruinado muita gente.*

*O livro A Sciencia e o Calculo contém desenvolvidas demonstrações, está escripto em boa linguagem portugueza e honra não só o nome do seu auctor como põe em foco o nome de Dolivaes Nunes pela benemerencia das suas intenções e pelo valor do seu methodo.*

— vaporoso poema de flammal — As insomnias reflectem-se em teu rosto, dando-lhe uns tons de pallidez funerea — triste preludio de fatal soffrer!

As dôres que sentes roubam de teus labios coralinos, quentes, sensuaes, os risos dos prazeres festivaes. . .

E tu vives! Mentira! E's uma sombra, apenas. . . Cantas, porque a indiferença ainda não te cobriu o coração; porque a aurora do scepticismo não teve o seu crepusculo no céu de teu futuro!

Cantas, porque a desgraça é a posteridade do poeta; porque as maguas são privativas dos que desapparem cedo do seio radiante das felicidades!

E pedes-me que te olvide!

Como posso? Socega, desgraçado! A gloria não é imperecivel! A lucta é medonha, mas breve findará! Tens um leito — o sepulcro; tens um epitaphio — o teu nome! Não te importes, pobre poeta! O mundo é egoista! A vida é maldição tremenda!

Aqui encontrarás espinhos ao envez de flôres! Aqui serás abandonado pela turba nescia, vã, misserrima, que apupa a virtude e corteja o vicio; que não te conhece, que não te comprehende miseravel sublime!

Foge, desapparece, ultimo raio de luz vibrante — meteóro fugaz nas densas trevas da noite d'alma! Remonta-te ao céu, inspirado cantor do soffrimento!

Ave da primavera, levanta o vôo, desdobra no espaço azul, que scintilla deslumbrante como o olhar immaculado de mulher-mãe, tuas azas de neve, perolisadas de orvalho, esmaltadas de lagrimas!

A madrugada, alegre e feiticeira, começa de vestir-se no *boudoir perfumoso do Oriente*. . . Ella é tua irmã. Não te envolvas no crepe do crepusculo; antes na purpura ondulante da alabastrina aurora. . .

B. PINTO.

## CONTRASTES

(CAMPOAMOR)

I

Sei que amaste e que te amou  
O teu noivo e meu amigo,  
Que a sorte — o duro inimigo  
Sobre uma campa lançou. . .  
Quando o enterro passou  
Todos te viram carpir,  
Mas eu, Ignez, ao sentir  
Que o havias de olvidar,  
Senti, vendo-te chorar,  
A tentação de me rir. . .

II

Fez um anno: e n'esse dia  
Assisti á tua boda,  
Onde eu co'a cabeça á roda  
Te vi cheia de alegria.  
E o morto? O morto dormia. . .  
Ai! quando esquecido d'elle  
Promettias ser fiel  
A outro. . . então eu gemi  
E silencioso verti  
Duas lagrimas de fel!

III

Amor. . . o amor de que vale?  
Aqui tens a razão toda  
Porque eu chorava na boda  
E ria no funeral.  
Eis um contraste immortal  
Que nunca ha-de acabar. . .  
Não deves pois estranhar  
Que, quem soletra o porvir,  
Vá n'um enterro a sorrir  
E ande n'um baile a chorar. . .

EUGENIO DE CASTRO.